

## *I — Virando*

Para um observador de sangue mais frio, de alma seca e coração de pedra, tratava-se de mais um ano novo. A folhinha precisava apenas de qualquer mão amiga para que o tempo se fizesse passado e novos trezentos e sessenta e cinco dias, doze meses ou cinqüenta e poucas semanas reinassem sob um novo número gregoriano. Difícil, porém, um observador com tais qualidades, excluídos os alienados por fome, ignorância ou loucura extremada. Afinal de contas, faltavam poucas horas para uma diferente meia-noite. O primeiro minuto já seria do século vinte e um.

Pobres mortais cristãos (que em média vivem a metade) iriam, em poucos instantes, desfrutar o sabor de um novo século. Depois do nascimento do chamado Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus, apenas vinte vezes isto havia acontecido. Esta seria a vigésima vez em que o mundo D.C. iria comemorar um reveillon de centenário. E o ser humano que tudo comemora, o nascimento, o batizado, o casamento, o pagamento, o filho, o novo emprego ou cargo, o verão e a primavera, o aniversário de vida e de tudo mais, estava ali, nas bicas do desabrochar do Novo Século.

Organizações internacionais já há muito prometiam Nova Época, Nova Ordem, Novo Mundo, com tudo do melhor e do bom. A Santa Igreja Católica continuava optando pelos mais pobres e estes, devidamente munidos de drogas lícitas e ilícitas, sentiam em si o frêmito da novidade instantânea. Religiões outras manifestavam-se à sua maneira, cerimônias iam

sendo preparadas ao sabor dos mistérios das divindades e do desconhecido.

Ja finalmente chegar o século vinte e um. Solenemente o século vinte iria ser enterrado, passando-se em Santos Dummond, Beatles, Gagarin e tantos outros... transpassando-se, em seu limite, pelos átomos radioativos. Parecia que não haveria fogos de artifícios que bastassem!

Os meios de comunicação e de estímulo de venda anunciavam de tudo. Havia canais de televisão com retrospectiva do século e da História. A voz emocionada dos locutores ribombava lares adentro e afora:

– Dentro em pouco, amigos telespectadores, iniciaremos a contagem regressiva de encontro a um Novo Tempo, a um Novo Século... Vamos brindar à fraternidade da aldeia global com a legítima champagne “vinte e um”, a única que não dá zum-zum.

E transmitiam de tudo o que é lugar. De Roma, por exemplo, o Papa colocava na cabeça a mitra para anunciar o sétimo segredo de Fátima e o milésimo quarto da gestão dele mesmo; o Ocidente estava disposto a apertar a mão do Oriente, embora, ambos, com a que lhes restavam, acariciavam o botão da hecatombe.

Os esotéricos, reunidos em Brasília, Amsterdan, Katmandu e Taipé sentavam-se cada qual à sua maneira religiosa e, entre incensos de ervas próprias e pirâmides voltadas para um dito rumo certo, ensaiavam meditações em prol do que acreditavam.

E quanta coisa para contar dos políticos!... Dos militares...

Na realidade, o Mundo, ou o chamado Planeta Terra estava absolutamente transformado. Monetaristas calculavam o prejuízo em milhões e bilhões de yens. A tentativa era de uma festa só e tudo indicava que esta haveria.

Com o repicar dos sinos desde o meio-dia, mais as sirenes e outros instrumentos sonoros humanos, uma enorme vibração enchia os ares e ajudava as mentes a representar simbolicamente o passar dos séculos.

Os profetas, adivinhos e congêneres há haviam, por volta do último entardecer, cumprido suas missões. Tudo já estava profetizado. Nostradamus já estava interpretado, re-interpretado e, sem dúvida para muitos, estava acertando em dezenas

de detalhes que olhos pouco argutos não perceberam por dezenas de anos.

Vinte e três horas e quarenta minutos no Brasil. Faltavam as vinte rodadas do ponteiro de minutos para o instante final, ou melhor, inicial.

## II — Virou

Amâncio Pires consultou o altímetro: três mil e duzentos pés. Àquela altitude, com seu maneiro avioneta, bastava transpor a Serra de Maio Alegre, observar a beleza do rio Paraíba do Sul e rumar doze graus a noroeste para, em poucos minutos e, gloriosamente, enxergar a pista cabocamente iluminada, toda de chão batido e sem cupim, e aterrisar na Fazenda Santa Clara do Paiol, no Estado do Rio, divisa com o de Minas Gerais, e encontrar seus grandes amigos. — A festa do reveillon seria o máximo!, pensou, enquanto se distraía da conversa em seus fones-de-ouvido entre uma torre e uma aeronave internacional que insistia em pousar naquele século.

O casal Abdula, turcos de nascença, minifundiários da comarca de Afonso Arinos, onde se localizava a Fazenda Santa Clara do Paiol, seriam os anfitriões da efeméride festejada. E deles Amâncio Pires se recordava com saudades, pilotando e procedendo ao pouso, ao mesmo tempo em que fremia seus sentimentos: seria uma pândega de dar inveja a Hemingway!

Pires não estava enganado: a fazenda, com sua bela casa colonial, rodeada por buganvilias, estava iluminadíssima e pronta para o meia-noite. Segundo combinação feita há mais de vinte anos, e reafirmada ano a ano, sete casais e três solteirões seriam dezessete comemoradores dentre a população da Terra, na época com seis bilhões e tanto de habitantes. Cada sub-grupo chegaria a seu modo. Pires, em seu avioneta, o PT-QBZ, levando especiarias de toda a parte do Mundo e, da forma como havia combinado coletivamente, uma simbólica muda de jacarandá para ser “religiosamente” plantada na Fazenda da festa, num local onde afirmava sempre veementemente o gordo Abdula passar o paralelo 22º; quatro dos sete casais, já há alguns dias na Fazenda, organizaram os músicos, alguns ciganos que coincidentalmente — quem sabe? — acamparam nas redondezas, os fogos-de-artifício e os ani-

mais que, já devidamente sacrificados, grelhavam-se no enorme fogão-à-lenha aceso em perfumosas toras de eucalipto. Ia ser um festão.

Exatamente às vinte e três e quarenta e cinco minutos, quinze minutos antes do outro século, o pequeno aparelho voador descreveu uma suave curva e, sob aplausos dos que assistiam nervosos ao pouso, deslizou suave pela pista de terra. Poucos instantes antes, quatro carros, trazendo os outros amigos, adentraram porteira e todos os dezessete, risonhos e falando alto, passaram a, juntos, aguardar o momento.

Eleutério, advogado, foi ao encontro de Pires que, lépido, saltava de seu meio de transporte com um nada original "Feliz Século Novo" na boca. O jurista saudou-o:

— Conforme o pactuado, aqui estamos todos! Para a Glória e o Êxtase do Novíssimo Mundo! — e alguém, encostado na cerca do pomar de goiabas, citou, de repente e gritado, o provérbio:

— Atrás do tempo, tempo vem! — a que foi respondido, menos originalmente ainda:

— Ano Novo, Vida Nova; Século Novo, Vida Nova!

Abdula, o anfitrião, desatou a badalar o sino da fazenda, pra espanto da bicharada e alegria dos convivas. Faltavam cinco minutos para o Novo Século. Era chegada o momento da grande comemoração.

Um dos casais tocou fogo nos morteiros e rojões, fazendo a gadalhada sair espavorida detrás do curral. A fazenda se juntava aos estados brasileiros de mesmo fuso horário e, segundo alguns, era possível sentir na pele uma estranha energia. Os mais cínicos comentavam que talvez fosse a fonte energética alternativa finalmente encontrada.

E deu-se meia-noite: doze pancadas de todos os relógios mundo afora. As festas atingiram o pico máximo e o Novo Século, o vigésimo-primeiro, adentrou, encontrando, para não variar, os mortais felizes por mais uma bobagem. Mas não qualquer: uma bobagem especial, ou, para os mais exigentes, um pouco mais rara.

Distante dali da Fazenda Santa Clara do Paiol, uma estudante de Ciências Sociais chegava a uma brilhante conclusão que iria constar de sua tese a ser submetida no início do ano letivo à banca de doutores ilustradíssimos. Segundo ela, aquele sim, era o verdadeiro "marco temporal".

E, talvez para não contradizê-la, ou apenas para impressionar os esotéricos e dar um cunho de firmeza aos místicos, à primeira nova meia hora do ano do novo século, desabou um temporal por quase todo o país, daqueles de dar inveja a Nôe, de relâmpagos e trovões, que não matou ninguém acima do esperado, mas encheu açudes, irrigou florestas, lavou a torpeza dos Homens e, para que não dizer?, irrigou o pé de jacarandá trazido por Pires.